

Dolpopa sobre *Svabhāva*

David Reigle

Dolpopa, o principal escritor da escola Jonang do budismo tibetano, ensinou que a realidade última, referida por ele sob vários nomes, é “vazia de outro” (*gzhan stong/shentong*), isto é, vazia de tudo aquilo que não é si própria. Tal visão contrasta com aquela mais comumente ensinada no budismo tibetano de que tudo, inclusive a realidade última, é “vazia de si própria” (*rang stong*), ou em outras palavras, vazia de *svabhāva*. O *svabhāva* de todas as coisas é a sua “natureza própria” ou “existência inerente”. Os budistas tibetanos concordam que aquilo que constitui a realidade convencional é vazio de *svabhāva*, isto é, carece de existência inerente. A perspectiva da maioria é a de que aquilo que constitui a realidade última também é vazio de *svabhāva*, no sentido de que não existe inerentemente tanto quanto a realidade convencional. Dolpopa discordava, dizendo que não pode haver realidade convencional sem uma realidade última por trás. Portanto, aquilo que constitui a realidade última deve ter um *svabhāva* de qual tal realidade não é vazia.

Dolpopa parece ter sido o primeiro escritor tibetano a afirmar que a realidade última tem um *svabhāva*. Ele apresentou os ensinamentos do “vazio de outro” (*gzhan stong*) em sua grande obra, *o Dharma da Montanha*, um livro extenso permeado de citações de escrituras budistas. Em seu livro, ele escreveu, por exemplo, que “uma mente última vazia de outro dotada de natureza inerente (*rang bzhin pa*) [= *svabhāva*] sempre habita como a base do vazio de uma mente convencional e vazia de si” (tradução de Jeffrey Hopkins, p. 389). Décadas mais tarde, próximo ao fim de sua vida, o grande instrutor Sakya, Lama Dampa Sonam Gyaltzen, solicitou a Dolpopa que escrevesse um livro que concisamente descrevesse as suas opiniões e os motivos para elas. Esse livro é o *Quarto Concílio*. Ele abre o livro dizendo que os ensinamentos budistas da “Era de Ouro” (*rdzogs ldan = Kṛta-yuga*) passaram a ser mal compreendidos ao longo do tempo e o seu propósito era o de restaurar o seu significado original. Após dizer isso, o primeiro ensinamento que ele aborda é a visão prevalecente de que tudo é vazio de natureza própria, *svabhāva*. Ele escreve, como traduzido por Cyrus Stearns em *The Buddha from Dölpo*, 2010, p.137:

“O *Kṛtayuga Dharma* são as palavras imaculadas do Conquistador e o que é cuidadosamente ensinado pelos senhores do décimo *bhumi* e pelos grandes fundadores de sistemas sem falhas e dotados de qualidades sublimes.

“Nesta tradição nem tudo é vazio de natureza própria.

“Ao cuidadosamente distinguir o vazio de natureza própria e o vazio de outro, o é relativo é ensinado como vazio de natureza própria, e o absoluto é ensinado como precisamente o vazio de outro.”

Ele, então, explica em detalhe nas páginas seguintes. Ao final de seu *Quarto Concílio*, Dolpopa fala em termos da visão prevalecente, a qual não pode aceitar:

“Não posso ceder àqueles que, confiando nos tratados falhos da *Tretāyuga* e *yugas* posteriores, aceitam que tudo é precisamente vazio de natureza própria, aceitam que o vazio de natureza própria é o absoluto, aceitam que o absoluto é vazio de natureza própria, ...”

Dolpopa chamou os ensinamentos que considerava restaurar de “Grande Madhyamaka” para distingui-los da visão Madhyamaka prevalecente. Os ensinamentos da Grande Madhyamaka também são conhecidos como “*shentong*” (*gzhan stong*) ou “vazio de outro”. Como visto, o

ensinamento da Grande Madhyamaka de que a realidade absoluta é vazia de tudo que não seja si própria, mas não é vazia de si, significa que há *svabhāva*.

[Artigo originalmente publicado no site prajnaquest.fr e traduzido por Bruno Carlucci sob permissão do autor para a seção em português do *Eastern Tradition Archive*.]